

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS ERECHIM

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

HAGATTA JOANA LENGOWSKI DA SILVA

**A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRA: A IMAGEM DA MULHER
NA MÍDIA ATRAVÉS DA GLOBELEZA.**

ERECHIM

2024

HAGATTA JOANA LENGOWSKI DA SILVA

**A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRA: A IMAGEM DA MULHER
NA MÍDIA ATRAVÉS DA GLOBELEZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Allan Kardec Da Silva Pereira

ERECHIM

2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Silva, Hagatta Joana Lengowski da
A sexualização do corpo da mulher negra: A imagem da
mulher na mídia através da Globeleza / Hagatta Joana
Lengowski da Silva. -- 2024.
f.:il.

Orientador: Professor Doutor Allan Kardec da Silva
Pereira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim,RS, 2024.

I. Pereira, Allan Kardec da Silva, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

HAGATTA JOANA LENGOWSKI DA SILVA

**A SEXUALIZAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRA: A IMAGEM DA MULHER
NA MÍDIA ATRAVÉS DA GLOBELEZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Allan Kardec Da Silva Pereira
Orientador – UFFS/Erechim

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga – UFFS
Avaliador Interno

Prof. Mestranda. Taynara Aparecida Ferreira da Silva – UFPR
Avaliador Externo

Dedico esse trabalho aos meus pais que nunca mediram esforços para me auxiliar e apoiar em todas as minhas escolhas até hoje, que nunca se negaram a estar do meu lado e sempre deixam claro o quanto se orgulham de cada conquista minha, seja ela qual for.

AGRADECIMENTOS

Com todo meu coração, dedico esse trabalho a quem mais me fez ter vontade de estar aqui, a quem sempre incentivou meus estudos, minha mãe, que mesmo idealizando tantos outros caminhos para serem seguidos por mim, me deu apoio em todos os momentos e demonstrou todo seu orgulho a cada vez que falava que eu iria conseguir, e ao meu pai, a quem eu prometi que iria viver para ver sua filha formada, estou aqui, eu consegui por vocês.

Agradeço imensamente minhas irmãs pela compreensão quando as aulas eram online e eu precisava me concentrar dentro do meu quarto, em uma família grande com criança em casa o silêncio era de longe o que menos havia, mas naqueles momentos elas me ajudavam a focar acalmando um pouco a bagunça.

Aos professores, em especial meu orientador, professor Allan Kardec Pereira, mas também ao Professor Gerson Fraga, Fábio Feltrin de Souza, Isabel Gritti, acredito que não há no mundo agradecimento cabível para explicar a gratidão que sinto, agradeço por cada conversa, por cada história e por cada conselho recebido ao longo desses quatro anos e meio. Mesmo com os que não tive tanta afinidade ao longo do curso, pude aprender coisas boas e receber mensagens que, sem dúvida, levarei para toda a vida.

Aos meus colegas, não somos a mesma turma daquele início conturbado em 2020, mas vencemos, primeiro vencemos o medo de uma pandemia que nos deixou em casa logo na segunda semana de curso, depois vencemos a procrastinação e as dificuldades do ensino remoto. Em uma realidade em que as aulas que pareciam muito mais longas e cansativas, as dificuldades de se estar preso em casa, a sensação de que o mundo estava acabando e nós não teríamos a verdadeira experiência da graduação, mas nós conseguimos,

Para Alessandra, Amanda, Bruna, Giovana, Guilherme, João, Natália e Vitória, obrigada por estarem ao meu lado desde o início, obrigada por cuidarem de mim nos momentos difíceis e por não me deixarem desistir quando essa possibilidade se fez presente em meus pensamentos. Vocês são os amigos que sempre sonhei em ter na faculdade, o grupo que, se depender de mim, não irá mais se afastar. Vocês são especiais demais e muito responsáveis por tornarem esse momento real.

Ser mulher, ainda hoje, é saber e ter a consciência da luta pelo respeito e dignidade como uma pílula diária. Ser mulher negra, é um tanto mais intenso, porque a dose desse remédio diário se faz mais necessária pela possibilidade de se manter viva. (Mônica Custódio)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a Musa Globeleza não apenas como um corpo sexualizado na tela da maior emissora de televisão do país, mas também trazer a forma como essas mulheres eram atingidas pelo posicionamento da própria rede Globo e pelo pensamento do público que as acompanhava. Ainda, pretendo mostrar como essa imagem impacta a realidade de mulheres reais, que enfrentam desafios no dia a dia e quais as consequências dessa exposição midiáticas ao longo de todos esses anos.

Palavras-chave: Mulata Globeleza, Sexualização, Carnaval, Mídia, Rede Globo.

ABSTRACT

The aim of this paper is to present the Musa Globeleza not only as a sexualized body on the screen of the country's largest television station, but also to show how these women were affected by the positioning of the Globo network itself and by the thinking of the public that followed them. I also intend to show how this image impacts on the reality of real women, who face challenges on a daily basis, and what the consequences of this media exposure have been over the years.

Keywords: Mulata Globeleza, Sexualization, Carnival, Media, Rede Globo.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. - A MULHER NEGRA COMO OBJETO SEXUAL DESDE O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO.....	13
2.1 - A ROMANTIZAÇÃO DO ABUSO DAS ESCRAVAS	14
2.2 - O SURGIMENTO DO TERMO MULATA	18
3. - A MUDANÇA DO CONCURSO AO LONGO DO TEMPO.....	22
3.1 - A “MULATA” GLOBELEZA E O JULGAMENTO SOCIAL	32
4. - CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
5. REFERÊNCIAS.....	

INTRODUÇÃO

Como, mesmo com todas as mudanças de ações e pensamentos ao longo dos últimos anos, a simbologia daquela mulher, sinônimo mais conhecido de uma "musa tipo exportação", ainda afeta diretamente na imagem da mulher negra contemporânea? Para além de responder às questões propostas para um trabalho que servirá para conclusão de curso, essa pesquisa trará conclusões para quem o escreve, para que eu possa me sentir também acolhida e entender de onde vem tantas inseguranças, medos e vergonhas. O objetivo principal desta pesquisa é acolher mulheres que passam uma vida inteira lidando com comentários inoportunos e constrangedores desde a infância. Pretendo, portanto, trazer ainda mais questionamentos que abram espaço não apenas para o bom desenvolvimento desse documento, mas também para que seja possível ampliar o olhar e, dessa maneira, propor novas pesquisas ao longo do tempo.

Ao analisarmos a história da mulher negra no Brasil nos deparamos com a sexualização e objetificação de seus corpos de uma forma explícita e invasiva, e isso ocorre desde que foram trazidas ao país durante o período da escravidão.¹ Nessa época eram utilizadas como objeto sexual para o prazer e a satisfação de seus senhores e para a reprodução, gerando assim cada dia mais escravizados, o que criava a mão de obra necessária, seja essa filha de outro escravizado ou de um dos senhores.

Eram vistas como pedaços de carne e obrigadas a fazer tudo que fosse da vontade de quem havia as comprado. Como um produto, eram utilizadas de tal maneira, eram apontadas pelos brancos como objetos, justamente para perpetuar essa violência e isentar a responsabilidade da branquitude como causadora de tamanha violência.. Como pontua Marcel de Almeida Freitas: “Os portugueses também puderam exercer sobremaneira a dominação e exploração sexual sobre os colonizados – indígenas(os) e negras(os)” (FREITAS, 2011, p. 64).

O presente trabalho se constrói a partir da forma como a imagem do corpo da mulher negra brasileira foi, e ainda é vendida e exibida para o mundo através da mídia durante a maior festa popular nacional, o carnaval. Para analisar essas representações, discutiremos a forma como essas mulheres tiveram seus corpos expostos e objetificados, reduzidos muitas vezes a algo e não a alguém durante a história do Brasil, tanto no período pós abolição até os dias atuais.

Ao longo do tempo, diversas foram as atribuições direcionadas a essas mulheres, considerações essas que para a época não eram vistas como pejorativas. Podemos citar como

¹ Uma interessante reflexão sobre isso foi feita na música “A Carne”, da cantora Elza Soares (2002). Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw>, acesso 23 jun. 2024.

exemplo os termos "cabrocha" e "mulata exportação", que se referiam a uma ideia de mulher que era vendida para o exterior, junto com a imagem do país do carnaval, até chegarmos a tão cobijada imagem da Globeleza, o principal objeto de análise em nosso trabalho. A partir dessa exibição midiática, de mulheres sendo apresentadas seminuas em horário nobre, buscarei entender como se constrói a imagem da mulher negra na contemporaneidade. Porém, é necessário entender como essas mulheres que se colocavam em papéis de imensa exposição viam esse lugar e a grande importância que todo sucesso em volta dela possuía. Não se pode, de maneira nenhuma, para entender a problemática em torno da exibição, culpabilizar a vítima.

Dividida em três principais pontos, o estudo busca, em primeiro momento, apresentar o conteúdo histórico mostrando como os corpos das mulheres negras sempre foram violados e objetificados, inclusive por intelectuais que escreviam sobre o período da escravidão, romantizando estupros cometidos pelos senhores contra as escravizadas. Nesse momento já se tem uma primeira percepção da mulher negra como um objeto de desejo sexual que não tinha suas dores reconhecidas.

Dando sequência às pesquisas, a próxima abordagem se fará através da própria Globeleza e todo o legado de anos de exibição em rede nacional. Partindo do princípio de entender o contexto em que surge o concurso e a forma como era visto e entendido na década de 1990. Em seguida demonstraremos a mudança dele ao longo de todos os anos em que a imagem da musa Globeleza - que durante mais de 30 anos teve 5 mulheres negras como representantes - se fez presente na tela da televisão aberta em época de carnaval.

Na terceira parte do trabalho, juntamente com minhas colocações nas considerações finais, acreditando firmemente na necessidade de se falar sobre termos que afetam diretamente mulheres negras de uma ponta a outra do país, buscarei trazer a imagem das mulheres negras brasileiras no estrangeiro, como a imagem é passada para o resto do mundo e como isso influencia na autoestima das mulheres negras neste território.

Finalizarei com considerações onde buscarei mostrar um pouco do meu próprio sentimento em relação à exposição do meu corpo de mulher negra, já após ter entendido as questões históricas por trás dos pensamentos retrógrados e conhecimento sobre a Globeleza e o contexto do mundo no momento que o concurso foi criado.

2. A MULHER NEGRA COMO OBJETO SEXUAL DESDE O INÍCIO DA COLONIZAÇÃO

A escravidão no Brasil deixou marcas irreparáveis e muito visíveis até os dias atuais. Além do sofrimento da população negra com o racismo, que está entranhado na estrutura do nosso país, sendo pouco discutido e punido na atualidade, é necessário lidar com o fato de estar historicamente sempre um passo atrás da branquitude. Ainda precisamos lidar com falas que exaltam o Brasil com um país no qual existe uma democracia racial, como se estivessem, negros e brancos, acessando as mesmas oportunidades.

Ser mulher negra nessa sociedade que oprime e discrimina é ainda mais complexo, tendo em vista que, desde os tempos de escravidão e até hoje, são vistas com ainda mais inferioridade que os próprios homens negros, vistas como objeto que, além de serem de propriedade dos senhores, poderiam e deveriam satisfazer todos os seus desejos. A mulher negra “é a última”, independente de falarmos sobre raça ou gênero. Como colocado por Sueli Carneiro: “O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular” (CARNEIRO, 2003, p.2).

A objetificação e a sexualização da mulher negra vem desse passado que muitos tentam esquecer e apagar, de uma escravidão que as fazia de objeto para o prazer de quem as tinha como propriedade e, como um benefício para a economia, para reprodução. De certa forma, podemos dizer que essa sujeição perdura até os dias atuais, mesmo que de forma modificada, haja vista a maneira como a mulher negra é subjugada, com frequência, apenas como um pedaço de carne, que serve para satisfação sexual masculina, mas não para ser apresentada à família, como parte do que seriam relacionamentos mais sérios e duradouros. Como argumentava o pensador negro brasileiro Abdias do Nascimento:

O Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. Ainda nos dias de hoje, a mulher negra, por causa da sua condição de pobreza, ausência de status social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do branco (NASCIMENTO, 1978, p. 61).

No período colonial, tinha-se ainda esses estupro como algo lucrativo, fazendo com que essas mulheres gerassem, contra sua vontade, filhos vítimas dessa sociedade, que viriam a se tornar mais uma das mercadorias para os senhores de escravizados. Em sua maioria, eram gestações sofridas, em que as mulheres preferiam que seus fetos não vingassem. Assim nos informa Nabuco:

Não é do cruzamento que se trata; mas sim da reprodução do cativo, em que o interesse verdadeiro da mãe era que o filho não vingasse. Calcule-se que a exploração dessa bárbara indústria – expressa em 1871 nas seguintes palavras dos fazendeiros de Pirai ‘a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador’ – deva ter sido durante três séculos sobre milhões de mulheres (Nabuco, 2000, p. 101).

Mesmo com o passar dos anos e com a conquista de direitos, as marcas daquela época continuam assombrando mulheres negras. Toda menina negra, podemos dizer, cresce sentindo vergonha do seu corpo por, desde muito nova, ser assediada de uma forma nada discreta nas ruas, escolas, ou no transporte público. Marcas essas que por muitos são minimizadas e esquecidas, tentando fazer com que sejam apagadas, pintando assim uma falsa meritocracia brasileira, dizendo que tudo não passa de “querer chamar atenção”, assim como observa Keila Assis:

Existe um histórico de descarte de corpos negros no Brasil e, quando esse corpo é identificado como “feminino”, ele é estigmatizado duplamente: pela cor e pelo gênero, já que as violências misóginas e racistas se interseccionam. A condição de vida de muitas mulheres negras é marcada, desde a sua chegada ao continente americano, por abusos e violências, uma vez que elas sempre estiveram colocadas em papéis de servidão, seja na lavoura, à mesa ou na cama. Além disso, é importante lembrar que a esses corpos foi relegado o papel de carregar no ventre os frutos da miscigenação, ou seja, crianças geradas em estupros, filhas de violências (ASSIS, 2022, p.38 *apud* São José, p 18).

Porém, mesmo sabendo de todas as crueldades acontecidas no período da escravidão no Brasil, e que nem sequer eram consideradas como violência, houve autores ao longo da história que, para amenizar as desgraças que deixaram marcas até os dias atuais, terminaram por minimizar os sofrimentos por parte dos escravos. Um dos mais conhecidos exemplos dessa tentativa, seria o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, que em sua tese de mestrado, colocou:

Na verdade, a escravidão no Brasil agrário-patriarcal pouco teve de cruel. O escravo brasileiro levava, nos meados do século XIX, quase vida de anjo, se compararmos sua sorte com a dos operários ingleses, ou mesmo com a dos operários do continente europeu, dos mesmos meados do século passado (Freyre, 1964[1922]:98).

2.1 - A ROMANTIZAÇÃO DO ABUSO DAS ESCRAVIZADAS.

Como já citado, Freyre era um autor que costumava amenizar as barbáries da escravidão. Sua obra *Casa Grande e Senzala*, obra essa que foi muito relevante na época, traz muitos aspectos de sua posição quanto a isso. Cito-o:

Não eram as negras que iam esfregar-se pelas pernas dos adolescentes louros, estes é que, no sul dos Estados Unidos, como nos engenhos de cana do Brasil, os filhos dos senhores, criavam-se desde pequenos para ganhões, ao mesmo tempo que as negras e mulatas para “ventres geradores” [...] É verdade que lá como aqui não faltou quem, confundindo resultado e causa, responsabilizasse a negra e seus “strong sex instincts” e principalmente a mulata – “the lascivious hybrid woman” – pela depravação dos rapazes brancos. Entre nós, já vimos que Nina Rodrigues considerou a mulata um tipo anormal de superexcitada sexual [...] nós, uns inocentinhos: elas, uns diabos, dissolvendo-nos a moral e corrompendo-nos o corpo (FREYRE, 1998, p. 461).

Se mostrando muito otimista ao retratar os escravizados, sobretudo a escravidão doméstica, ele coloca, por vezes, a escravizada como “dona de casa”. Além disso, Freyre trazia o mito da “democracia racial” e o elogio ao “luso tropicalismo”, que se trata de uma “ideia de uma suposta aptidão especial dos portugueses para a miscigenação biológica e cultural com os povos dos trópicos.” como nos mostram Vanessa Meireles Mendes e Joaquim Pires Valentim, em suas falas e textos, como em um discurso no ano de 1962, bastante elogioso à herança da colonização portuguesa:

Meus agradecimentos [...] pela sua presença, vindo ouvir a palavra de quem, adepto da “vária cor” camoniana, tanto se opõe à mística da “negritude” como ao mito da “branquitude”: dois extremos sectários que encontrariam a já brasileiríssima prática da democracia racial através da mestiçagem: uma prática que nos impõe deveres de particular solidariedade com outros povos mestiços. Sobretudo com os do Oriente e os das Áfricas portuguesas. Principalmente com os das Áfricas negras e mestiças marcadas pela presença lusitana (Freyre, Gilberto, 1962)

Abdias do Nascimento, escritor negro brasileiro, rebateria:

Freyre cunha eufemismos raciais tendo em vista racionalizar as relações de raça no país, como exemplifica sua ênfase e insistência no termo morenidade; não se trata de um ingênuo jogo de palavras, mas sim de proposta vazando uma extremamente perigosa mística racista, cujo objetivo é o desaparecimento inapelável do descendente africano, tanto fisicamente, quanto espiritualmente, através do malicioso processo do embranquecer a pele e a cultura do negro. (NASCIMENTO, 1978, p. 49-50)

Em passagem de seu texto *Sobrados e Mucambos; Decadência do Patriarcado Rural e Formação do Urbano*, de 1936, Freyre diz que o senhor mantinha certo sentimento por alguns de seus escravizados, entretanto “esses sentimentos, o senhor patriarcal do Brasil limitava-se a dispensá-los àqueles escravizados ou servos que considerava uma espécie de pessoas da casa: mães- pretas, mucamas, malungos. (...) Pelos outros, sua indiferença era tal, que se confundia às vezes com crueldade.” (Freyre, 1996[1936]:494). Esse trecho faz parecer que esse senhor sentia algo que, possivelmente, faria com que ele tivesse um tratamento mais brando com esses cativos, o que sabemos que não é real. Na realidade, como nos mostra as

autoras Djamila Ribeiro e Stephanie Ribeiro, as escravizadas eram escolhidas para trabalhar na casa grande com base em sua beleza:

A mulher negra exposta como Globeleza segue, inclusive, um padrão de seleção estética próxima ao feito pelos senhores de engenho ao escolher as mulheres escravizadas que queriam perto de si. As escravas consideradas “bonitas” eram escolhidas para trabalhar na casa grande. Da mesma forma, eram selecionadas as futuras vítimas de assédio, intimidação e estupro. Mulheres negras submetidas ao jugo “dos donos”. Era comum que as escravas de pele mais clara, com traços mais próximos do que a branquitude propaga como belo, assumissem esses postos de serviço. Os corpos dessas mulheres não eram vistos como propriedade delas, serviam apenas para ser explorados em trabalhos servis exaustivos além de servir como depósito constante de abuso sexual, humilhação, vexação e violência emocional. (RIBEIRO; RIBEIRO, 2016)

Contudo, não apenas no Brasil a mulher negra foi vista como um objeto, em um dos exemplos mais trágicos e revoltantes de como mulheres negras eram tratadas, podemos citar o caso de Sarah Baartman, mais conhecida como a “Vênus Negra”. Em “A mulata Globeleza: Um manifesto”, Djamila Ribeiro e Stephanie Ribeiro apresentam Sarah como exemplo “dos estigmas que estão colocados sobre os corpos das mulheres negras” (RIBEIRO; RIBEIRO, 2016). Ainda no século XIX, ela foi levada à Europa para se apresentar como uma atração devido ao seu corpo, e após um processo na Inglaterra, foi vendida a um treinador de animais francês, como comentado por Danielle Elisa São José:

A partir das apresentações de Sarah, a visão da mulher preta associada à besta selvagem, à fera a ser domada, passa a fazer parte de todo o imaginário cultural do ocidente. Durante o período de apresentações na Inglaterra, seu sucesso estava associado às suas exposições públicas, quando também foram impressas diversas gravuras e pinturas de seu corpo, que eram amplamente distribuídas, contribuindo para a popularização do seu “espetáculo”. Isso permitiu fazer de Sarah a atração principal, entre as atrações extravagantes das formas populares de divertimento exibidas no país. (SÃO JOSÉ, 2023, p.22)

Mesmo depois de sua morte, o corpo da “Vênus Negra” não obteve o mínimo respeito, já que seu intitulado proprietário o vendeu a uma instituição de ensino, para que não precisasse arcar com os custos de um funeral. Dessa forma, Sarah passou a ser estudada, tendo seu cérebro e seu esqueleto conservados até o ano de 2002, quando o líder sul-africano e então presidente da África do Sul Nelson Mandela reivindicou que seus restos mortais fossem devidamente sepultados em seu país. Como se pode observar, mais uma vez, pela fala de Danielle Elisa São José:

Sua fama acaba por chamar a atenção de grandes nomes da ciência da época, entre eles Georges Cuvier, o cientista que protocolou o termo “raça” na ciência moderna, amplamente usado para justificar pensamentos e ações eugenistas no mundo todo, inclusive no Brasil. Além dele, também se interessaram Henri de Blainville e Geoffroy Saint-Hilaire, que a adquirem e passam a exibi-la em reuniões científicas. Nestas reuniões, Sarah era exposta seminua, medida, observada, desenhada e analisada como parte da fauna e flora africanas. (SÃO JOSÉ, 2023, p.22)

A imagem dessa Vênus Negra nos trás, ainda mais, a forma como as mulheres negras poderiam ser abusadas, não apenas sexualmente, mas também físico e psicologicamente, sendo usadas da maneira mais agressiva possível. Faz sentido, portanto, entendermos que essas mulheres eram vistas apenas como coisas, como estranhas, que fugiam do entendimento dos brancos, que não estavam “acostumados” com seus corpos, considerando-os disformes. Sarah, além de ser exibida em shows públicos, também era exposta em eventos particulares, para quem tinha condições de pagar mais para vê-la, espetáculos privados onde o contratante ainda teria o direito de, caso quisesse, tocá-la.



Fig. 1: Gravuras de Sarah Baartman no século XIX. Fonte: SPL

Entretanto, ao mesmo tempo que aquele corpo de Baartman era visto como entretenimento por ser considerado anormal, ele também era visto como objeto de desejo, cobiçado por homens brancos. Sarah era constantemente submetida a shows particulares para

que estes pudessem ver e tocar em seu corpo desnudo. Ainda pelas autoras Djamila e Stephanie: “Seu corpo foi colocado entre a fronteira do que seria uma mulher negra anormal e uma mulher branca normal, a primeira considerada selvagem.” (RIBEIRO; RIBEIRO, 2016).²

2.2 - O SURGIMENTO DO TERMO MULATA

“Mas que nega linda
 E de olho verde
 ainda
 Olho de veneno e açúcar!
 Vem nega, vem ser minha desculpa
 Vem que aqui dentro ainda te cabe
 Vem ser meu álibi, minha bela conduta
 Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
 (Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu meu dendê?)
 Minha tonteira minha história contundida
 Minha memória confundida, meu futebol, entendeu meu gelol?
 Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso, seu karaôquê;
 Vem nega, sem eu ter que fazer nada. Vem sem ter que me mexer
 Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas, nada mais vai doer.
 Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me ama, me colore
 Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre nego malê.
 Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra gente sambar.”
 Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.
 Já preso esse ex-feitor, eu disse: “Seu delegado...”
 E o delegado piscou.
 Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou pequena pena
 com cela especial por ser esse branco intelectual...
 Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade, Genocídio
 nada disso se cura trepando com uma escura!”
 Ó minha máxima lei, deixai de asneira
 Não vai ser um branco mal resolvido
 que vai libertar uma negra:
 Esse branco ardido está fadado
 porque não é com lábia de pseudo-oprimido
 que vai aliviar seu passado.
 Olha aqui meu senhor:
 Eu me lembro da senzala
 e tu te lembrás da Casa-Grande
 e vamos juntos escrever sinceramente outra
 história Digo, repito e não minto:
 Vamos passar essa verdade a limpo
 porque não é dançando samba
 que eu te redimo ou te acredito:
 Vê se te afasta, não invista, não insista!
 Meu nojo!

² Uma intervenção interessante sobre o tema é a “Carta a Sara Baartman”, de Dani Anjos (2023):

Meu engodo cultural!
 Minha lavagem de lata!
 Porque deixar de ser racista, meu amor,
 não é comer uma mulata!

(Da série “Brasil, meu espartilho”).³

Resultado muitas vezes de abusos sexuais por parte dos senhores com suas escravizadas, surgiram os primeiros “mulatos”. O termo “mulato(a)”, derivado do termo “*mulus*” do latim, utilizado para designar a mula, animal nascido da cruzada entre uma égua e um asno, animal esse, inclusive, que não é capaz de se reproduzir. Por ser resultado do cruzamento de negros e brancos, por tempos foi questionado se os frutos desse relacionamento interracial seriam também, como daria a entender pelo nome, estéreis (CORRÊA, 1996, p. 44). Como afirmam as escritoras Lindinalva Correia Rodrigues e Vlândia Maria de Moura Soares: “É irrefutável o tom depreciativo dessa associação original, somente justificável em face do racismo oriundo do período escravocrata, no qual os negros eram apontados como animais de rebanho (RODRIGUES; DE MOURA SOARES, 2021, p. 333).

Mas, apesar do termo ser criado para depreciar e invalidar essas pessoas, por vezes, ser mulata parecia ser melhor do que ser negra. O mulato era mais aceito socialmente por ter traços não tão marcados e uma cor de pele que fugia do retinto. Ele poderia até ser notado, mas passaria mais despercebido em meio a sociedade que vinha sendo construída. Percepção essa que hoje se explica através da teoria do colorismo. Assim explica Wellington Santos:

Ser mulher mulata ou parda é não ser preta [...] o gerenciamento da gradação da cor morena – cor de jambo, morena – cabo-verde moreninha acarreta num status diferenciado em relação às mulheres de cor preta, chamadas de “nego não” o que se remete a traços grossos a corpo cheio. O que sugere uma diferenciação entre ser preta e ser parda. (SANTOS, 2013, p.16).

Porém, apesar de “parecer melhor”, esse corpo sofria demasiadamente com os olhares e a sexualização. Tratava-se essa mulher negra como “fogosa”, tendo seu corpo sempre que possível sendo exposto nu. Ainda que fossem carnalmente desejadas, aquelas mulheres nunca, nem naquela época e para alguns nem hoje em dia, se encaixam no padrão respeitável de mulheres para casar-se, de corpos que merecem respeito e ganho de espaço em algumas famílias. Da época da escravidão até os dias de hoje, mulheres negras são usadas e abusadas sem que seus sentimentos sejam levados em consideração.

A partir da afirmação de Mariza Corrêa, que diz que “as mulatas, no máximo, provocam descenso social, e, no mínimo, desordem na ordem constituída do cotidiano” (CORRÊA, p.

³ LUCINDA, Elisa. “Mulata Exportação”. In: O semelhante. 5ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2006, pp. 184-185.

41), podemos entender um pouco mais da visão que a sociedade tinha dessas mulheres, que independente do que eram como pessoas, eram mulatas acima de tudo. Para além do termo, ainda surgem suas variações, uma delas é a de mulata tipo “exportação”, essa visão exportava o corpo da mulher negra como mercadoria para o resto do mundo.

A imagem que o país passava ao mundo mostrava suas belas mulheres com seus corpos avantajados. Geralmente, elas não eram negras retintas, mas sim “da cor do pecado”. Um bom exemplo disso é a propaganda que a EMBRATUR (Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo) fazia durante o período da Ditadura Militar, sempre mandando ao exterior a imagem do Brasil ligado a belas praias e mulheres. Essa propaganda fez com que nosso país passasse a ser conhecido, cada vez mais, como um lugar onde se encontra sexo fácil e a um preço inferior, ou seja, um país de mulheres disponíveis à exploração sexual. Afirmação essa que fica clara a qualquer pessoa que avaliar, mesmo de maneira rápida e pouco cuidadosa, a imagem abaixo, capa da revista de turismo EMBRATUR do ano de 1977. Estampada bem ao centro, em lugar de destaque, vemos uma mulher de costas, vestida apenas com roupas de banho, sem contexto algum para que houvesse a necessidade dessa imagem.

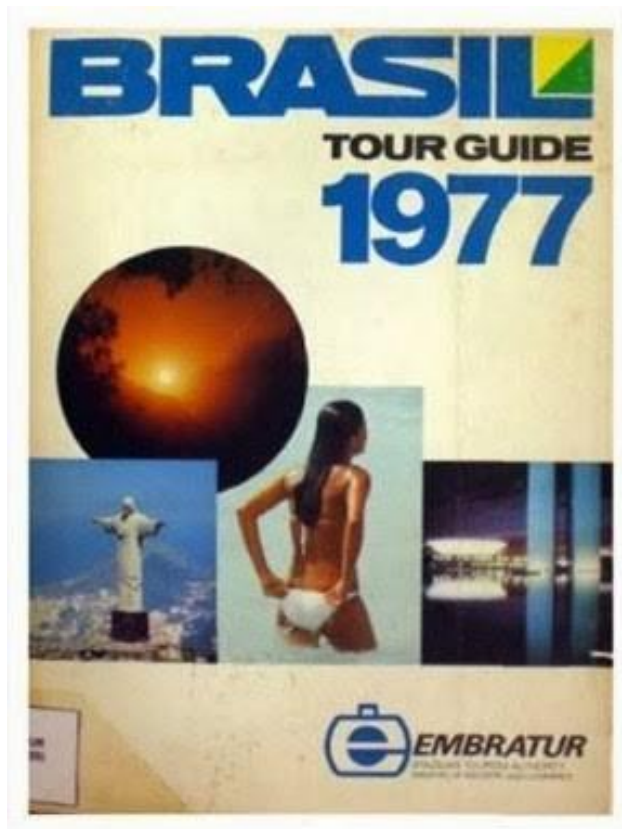


Fig. 2: Guia Turístico da Embratur durante o período militar, 1977. Fonte: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>

Como bem observa João dos Santos Filho em seu artigo *Melhor Do País É O Povo Brasileiro: Você Acredita Na Embratur?*: “Mesmo aos olhos do observador pouco atento, é óbvio a tentativa de atrair turistas ao Brasil através do uso de imagens de belas mulheres e com referências ao apelo sexual.”(FILHO, 2009).

3. A MUDANÇA DO CONCURSO GLOBELEZA AO LONGO DO TEMPO

Os comerciais televisivos sobre o carnaval já eram uma marca registrada da emissora de TV carioca Globo, mas, até então, eles estavam limitados à exibição de pequenas vinhetas baseadas em desenhos animados idealizadas pelo designer teuto-brasileiro Hans Donner. Para as festividades de 1990, entretanto, Hans, juntamente com o chefe da direção de programação e produção da TV Globo, Boni, idealizaram algo novo. Já havia a ideia de encontrar uma mulata para representar o carnaval da Globo, que tinha como lema “A Globo faz escola, no Carnaval deita e rola”, mas a personagem Globeleza surgiria alguns anos depois.



Fig. 3: Logo Globeleza, 2014. Fonte: Globo⁴

A procura já havia começado no ano anterior, quando no concurso de beleza Garota de Ipanema onde Hans e Boni eram jurados, conheceram Valéria Valenssa. Em entrevista ao canal Valéria Valenssa, Hans relata o momento em que vê Valéria pela primeira vez: “Chegou uma hora que eu falei poxa vida eu acho que tem que usar o lado humano, as belezas do Brasil exuberantes, e foi justamente na hora que a Valéria entrou sambando na ponta do pé” (“Conheci Hans Donner e Boni no Júri do Garota de Ipanema! - Episódio 3”, 03:12 - 03:28

Valéria era uma jovem de 17 anos, que trabalhava como vendedora em uma loja de magazine e levava uma vida simples no bairro da Pavuna. Ela participava de concursos de beleza desde os 15 anos, até se ver como um símbolo da cultura nacional. Valenssa foi a primeira protagonista do anúncio da emissora, porém só foi se tornar, de fato, a Globeleza no carnaval de 1993, ano esse que foi de extrema importância em sua vida, não profissionalmente como também no âmbito pessoal, pois foi quando ela e Hans se aproximaram.

⁴ Vinheta: Carnaval 90 - Rede Globo (1990), 2012, <https://youtu.be/v7N2Pl3umhs?si=Y5fHX84bVVFJLZW8> acesso 20 jun. 2024

A musa do carnaval contou em seu canal no *Youtube* que eram jornadas de cerca de 30 horas para fazer a vinheta, sendo que o tempo de gravação, em si, não levava nem uma hora. Ela atuou nesse papel na TV por 12 anos, tempo em que também apareceu na mídia televisiva de diversas maneiras, frequentemente em apresentações seminua, com o corpo pintado com muitas cores e brilhos. No ano 2003, Valenssa chegou a protagonizar a vinheta carnavalesca exibindo sua barriga de gestante, pois estava com cerca de 8 meses de gestação.

Já no ano seguinte, sem deixar ainda o posto, ela foi musa virtual. Nesta edição, porém, foi pega de surpresa, ao saber que no próximo carnaval ganharia uma sucessora, um fim de ciclo que era uma decisão da própria Rede Globo, que através do programa “Domingão do Faustão” selecionaria uma nova Globeleza. Essa mudança, admite, fez com que sofresse muito, levando-a a um quadro de depressão profunda, a qual lutou para superar (“COMO SUPEREI A MINHA DEPRESSÃO? - Episódio 8”, (00:50). Podemos certamente considerar Valéria Valenssa como um símbolo maior da Globeleza. Ela ficou mundialmente conhecida por esse papel. Para Tamires Ferreira Coêlho e Nealla Valentim Machado:

Ela é, provavelmente, até hoje a grande personificação da Globeleza no imaginário nacional, vinculando-se também a experimentações de “quebra de expectativa” junto ao público, quando, em 2003, aparecia sambando aos 8 meses de gravidez, e ao imaginário de “modernidade” e avanço tecnológico das TVs nos anos 2000, quando Valenssa se torna uma vinheta virtual, com nuances futurísticas (desde uma perspectiva ocidental), considerada fruto de “métodos não tradicionais” de produção à época, em 2004. (COÊLHO, MACHADO, 2023, p. 5.)

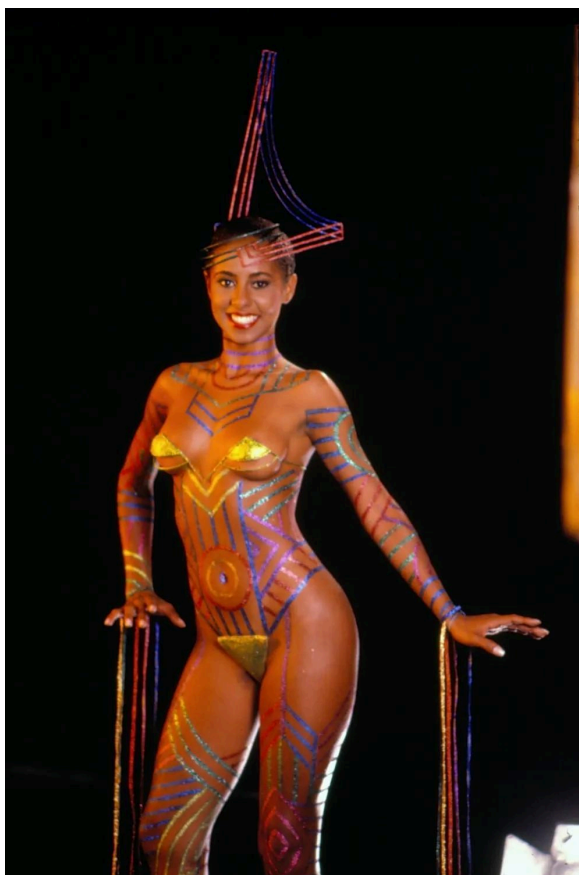


Fig. 4: Valéria Valença como Globeleza. Fonte: Globo



Fig. 5: Valéria Valença e Hans Donner nos bastidores da gravação da vinheta globeleza. Fonte: Acervo Globo

Então em 2005, foi televisionado o concurso que revelaria a nova musa do carnaval da Rede Globo, no extinto programa *Domingão do Faustão*. Entretanto, a vencedora do concurso,

Giane Carvalho, ficou apenas um ano com o título. No ano seguinte, sem explicações ou um novo concurso para que tivesse uma escolha pelo público, a posição foi assumida por Aline Prado, que permaneceu no posto até o ano de 2013.

No ano em que ficou no posto, Giane apareceu por cerca de apenas 10 segundos, na sequência da própria Valéria Valenssa. Hoje em dia, cabe ressaltar, Giane não tem sequer conta em redes sociais e vive uma vida reservada.

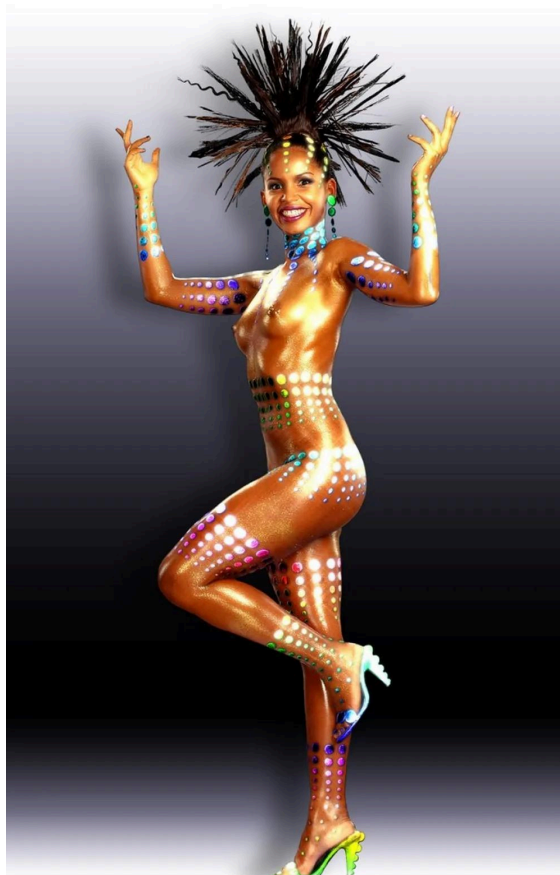


Fig. 6: Giane Carvalho. Fonte: Globo

Já Aline Prado, foi a segunda musa a permanecer por mais tempo como Globeleza, ficando como destaque da vinheta por oito anos, atrás apenas de Valéria Valenssa. Em uma entrevista ao *Jornal Extra*, ela revelou como foi sua despedida do posto:

Foi uma decisão em comum acordo entre a emissora e eu, mas eu já estava envolvida com a minha carreira de atriz. Sabia que aquilo não seria para sempre. Mas eu só não fiquei tão triste porque tive pessoas, tanto da minha família quanto alguns profissionais, cuidando de mim e me dando apoio o tempo todo (EXTRA 19 out. 2014).



Fig. 7: Aline Prado. Fonte: Globo



Fig. 8: Aline Prado nos bastidores da gravação da vinheta do carnaval de 2012 – Fonte: Estevam Avellar/Globo

No final de 2013 o concurso para Globeleza, que seria exibido pelo fantástico, teve 4 mil inscritas, destas 10 foram selecionadas para que uma fosse escolhida pelo público. Essas candidatas passaram por aulas de dança e mudanças no visual, para que o público pudesse julgar qual seria a melhor “Mulata Globeleza”. Dentre elas estavam Camila, 19 anos, de Minas Gerais; Tuany, 19 anos, do Rio de Janeiro; Nara, 26 anos, Bahia; Jeniffer, 22 anos, Rio de Janeiro; Kamylla, 22 anos, Bahia; Isabelle, 26 anos, Pernambuco; Flávia, 28 anos, Paraná; Nayara, 25 anos, Rio de Janeiro; Cassia, 18 anos, Rio de Janeiro; Lenita, 20 anos, Recife.;

Todas passaram por uma entrevista em que se apresentaram ao público falando os motivos para que merecessem ganhar, algumas um tanto tímidas com toda aquela exposição, outras se mostrando bem confiantes com o fato de serem merecedoras do título, mas todas muito convictas do quanto queriam estar ali. Através do voto popular, a jovem Nayara Justino ganhou o concurso e passou a ser a nova “Mulata Globeleza”, ficando com o título até o ano de 2015. No ano de 2014, quando ainda estava representando o carnaval da Globo, Nayara recebeu inúmeros ataques racistas, situações essas que acometiam a dançarina por ter o tom de pele mais retinto do que as participantes anteriores. Meses depois, ela foi dispensada do cargo e aberta uma nova seleção para a musa do próximo carnaval. Na visão de Gabriel Mota:

Pessoas reclamavam de uma negra na TV, comentavam que ela era bem mais negra que suas antecessoras (“classificadas”, também entre aspás, de mulatas); outros faziam comparações chulas, dizendo que ela parecia o Zé Pequeno, de Cidade de Deus; alguns ainda riam de Nayara, comparando seus seios naturais a “tetos de índia”. (MOTA, 2016)

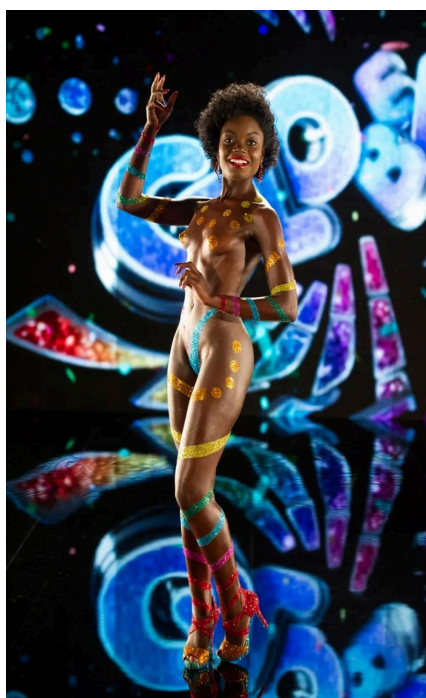


Fig. 9; Nayara Justino. Fonte: Globo



Fig. 10: Bastidores da gravação com a Globeleza Nayara Justino, 2014. Fonte: Estevam Avellar/Globo

Em entrevista ao *Programa do Gugu*, Nayara contou como ficou sabendo de seu desligamento do posto:

Tudo começou quando um amigo meu me ligou falando que a *Globo* estava procurando outra Globeleza. Depois de um tempo, eles entraram em contato comigo e me comunicaram que eu não seria mais Globeleza. Eu me senti usada. Quando eu apareci, eu meio que dei uma levantada no título (de Globeleza), e depois me tiraram do posto. Não tenho revolta por terem me tirado, mas o problema é que eu não pude me defender das ofensas que recebi (UOL, 2016).

Sua sucessora, Erika Moura, foi encontrada em meio às muitas quadras de escolas de samba de São Paulo, quadras que a emissora visitou até encontrar a nova representante do carnaval. Pode-se questionar o motivo dessa mudança e perceber que, após ter uma representante mais retinta que, mesmo sendo escolhida pelo voto popular, foi atacada e degradou a muitos, a emissora procurou uma nova representante que “agradasse mais o público”. Mesmo tendo uma mulher negra na tela da maior emissora de televisão em todos os horários e para todos os públicos, ainda se buscava apresentar uma negra menos retinta, com negritude menos aparente e, conseqüentemente, mais “palatável”. Vai-se entendendo, portanto, que a importância do termo mulata, afinal, não estaria em meramente incluir uma mulher negra nesses papéis de destaque. Como bem observa Raphael Bispo:

Para serem consideradas mulatas, as mulheres deveriam ter um tom de pele de cor marrom, mas com traços que as afastassem da mulher negra, ou seja, sem os narizes chatos, os lábios grossos e os cabelos frisados que costumam ser indicativos de negritude. (BISPO, 2015, p. 257)

Talvez, a partir desse acontecimento, podemos considerar que o papel da rede *Globo* com a imagem da *Globeleza* não visava enaltecer a beleza e o empoderamento da mulher negra, mas sim adaptar às mudanças do país e mostrar que incluía essas mulheres. Pode-se compreender essa mudança da *Globeleza* baseando-se na ideia de “colorismo”, conceito criado pela ativista negra e escritora Alice Walker em 1982, a partir da percepção de que pessoas negras de pele mais clara e cabelos mais lisos eram tratadas melhor, tendo uma maior aceitação social. Para um entendimento mais claro podemos nos basear no que Aila Oliveira (2015) explica:

O colorismo nada mais é que uma escala fragmentada em diversas tonalidades entre os negros e que porta em suas extremidades as cores branca e negra. Ao longo de seu prolongamento, de um extremo para outro, há uma espécie de degradê com tons de cor e até mesmo diferentes fenótipos de rosto relativos a diferentes estereótipos negros até se chegar a equiparação com o padrão eurocêntrico (OLIVEIRA, 2015).

Pois com a saída de Nayara, uma negra de pele retinta, e a escolha de sua sucessora, Erika Moura, que se tratava de uma mulher negra de pele mais clara, tem-se a ideia de que a emissora se baseou, sim, numa lógica colorista, que, de certa forma, caminha junto com a ideia de branqueamento, para a escolha da nova musa.

Foi então que a mudança na imagem e características das *Globeleza* começaram a aparecer. 2017 foi o primeiro ano em que uma muda *Globeleza* apareceu com algumas vestes, para além disso, a vinheta deixava de representar apenas o samba para trazer alguns outros ritmos, entre eles o frevo e o maracatu. Essas alterações foram vistas muito positivamente, e trouxe à tona a opinião de muitos sobre a exposição do corpo das mulheres. Para Maria Eliane Gomes Moraes:

Se antes, a musa do Carnaval era apresentada na tela da TV desnuda e o sujeito mulher era representado, a partir da exposição do próprio corpo, como um apelo à objetificação sexual desse sujeito e com uma representação de Carnaval caracterizado pela nudez. Em 2017, a *Globo* mudou a vinheta e trouxe para os telespectadores uma nova maneira de representar o Carnaval brasileiro, adotando o discurso da valorização cultural. (MORAIS, 2017, p. 5)



Fig. 11: Erika Moura. Fonte: Globo



Fig. 12: David Caldas e Globeza Erika Moura na gravação da vinheta do carnaval 2017. Fonte: Ramon Vasconcelos/Globo

A própria Erika falou sobre a repercussão dessas mudanças, ao ser entrevistada em 2017 pelo *Jornal Pioneiro*, dizendo que não via diferença entre gravar vestida com o corpo apenas pintado, afinal ambos os casos se trataria de seu figurino para aquela demonstração artística. Sobre os comentários, ela afirma que estavam sendo positivos, e sobre a maioria dos elogios a musa destaca a representatividade de diversos ritmos na vinheta.

Nos últimos anos, houve um avanço do debate sobre a exposição e o uso dos corpos das mulheres negras no papel de Globeleza. Em 2016, as autoras Djamilia Ribeiro e Stephanie Ribeiro escreveram e publicaram na *Folha de São Paulo* o texto “A mulata Globeleza: um manifesto”. Nesse documento, trazem diversas problemáticas em torno desse papel em que a Globo coloca suas escolhidas para Globeleza. Entre os pontos ressaltados, elas citam o termo “mulata” e a sexualização do corpo dessas mulheres negras, deixando muito evidente o motivo pelo qual entendem que a Globeleza deve acabar:

É necessário entender o porquê de se criticar a Globeleza. Não é pela nudez em si, tampouco por quem desempenha esse papel. Não temos problema algum com a sensualidade, o problema é somente nos confinar a esses lugares negando nossa humanidade, multiplicidade e complexidade. Quando reduzimos seres humanos somente a determinados papéis e lugares, se está retirando nossa humanidade e nos transformando em objetos (RIBEIRO; RIBEIRO, 2016).

E mesmo passados 8 anos da escrita deste documento, as colocações ali feitas ainda são extremamente atuais. Ao seguir com a leitura as autoras trazem a reflexão de como são os papéis de atrizes negras na televisão, que nunca se encaixam como protagonistas e ainda correm o risco de serem descartadas ao longo do tempo, quando não servirem mais para interpretar domésticas: “Basta lembrar do último papel da grande atriz Zezé Motta na emissora, onde foi a empregada Sebastiana em *Boogie Oogie* [2014]” (RIBEIRO; RIBEIRO, 2016).

Após tantos debates, como esse, a emissora resolveu modificar o formato da vinheta e passou a trazer novos aspectos, incluindo a diversidade das festas brasileiras. Até que, no ano de 2024, a proposta mudou completamente, deixando de ter uma mulher negra dançando. Dessa vez, acompanhamos Alcione e Ludmila, cantando juntas a música tema da vinheta.



Fig. 13: Ludmilla e Alcione interpretam a música tema do carnaval da Globo. Fonte: Globo.

As duas que, a meu ver, foram trazidas para tentar ressignificar o olhar que a sociedade tinha da mulata Globeleza, tendo a personificação de duas mulheres “mulatas”, mas sem a exibição de seus corpos. Espero ansiosamente para os próximos carnavais e as próximas vinhetas, e creio que o carnaval Globeleza não venha a ter novamente a exposição do corpo de mulheres negras.

3.1 A “MULATA” GLOBELEZA E O JULGAMENTO SOCIAL

É preciso entender o que o título de Globeleza representava para as mulheres negras da época. Aquelas mulheres não estavam lá por puro exibicionismo ou por um desejo vulgar de mostrar seus corpos. Era revolucionário para a época ter a imagem de uma mulher negra sendo exibida em rede nacional em horário nobre. Mesmo assim, as críticas não devem ser desconsideradas e devemos, sim, pensar em como a emissora usava dessas imagens, qual era a melhor maneira para isso ter sido feito, ou seja, entender como essa representação contribuiu para perpetuar estereótipos e objetificar essas mulheres negras. Entretanto, não se pode descartar como essas mulheres se sentiam e o que representavam.

Essa imagem da Globeleza gerou muitos debates e levantou a questão da hipersexualização do corpo negro que vai se estendendo pela história. Apesar de hoje termos outra visão referente a essa exposição do corpo dessas mulheres, na época o que se pensava referente a isso era, de certo modo, diferente. Até mesmo nos vídeos de entrevistas das futuras candidatas a Mulata Globeleza notamos o quanto as meninas exaltavam ser um sonho estar lá. Era a primeira vez que se via alguma representatividade negra na TV brasileira e que se dava visibilidade e atenção a essas mulheres, um tipo de reconhecimento que poderia deixá-las famosas mundialmente. Como argumenta

No caso Globeleza, diferentemente de outros corpos e subjetividades que habitavam o imaginário do que era uma celebridade com visibilidade “global” (referente à exposição na Rede Globo), geralmente pessoas brancas e com um padrão eurocêntrico, uma mulher negra passou a ganhar status e visibilidade, ainda que condicionados a uma hipereposição do corpo nu. Ser Globeleza passou a ser uma possibilidade de que mulheres não enquadradas em padrões de branquitude alcançassem reconhecimento público, o que fez muitas jovens disputarem o “título” de Valenssa ao longo dos anos. (COELHO; MACHADO, 2023, p. 15-16)

O fato de Valéria Valenssa ser reconhecida até os dias de hoje como Globeleza nos faz entender melhor a dimensão que foi sua aparição nas telas da emissora. Uma jovem negra e periférica que ganha espaço e reconhecimento fazia com que outras como ela pudessem sonhar com o mesmo destino. Ser reconhecida e mudar de vida era o desejo de grande parte das jovens negras da época e talvez ainda seja. Naquele momento, portanto, virar globeleza parecia ser o sonho ideal. É preciso entender também que, diferentemente dos dias atuais, o acesso à educação e ao ensino superior era ainda mais limitado, para muitas meninas negras a única maneira de melhorar de vida seria através da televisão, ou passariam a vida trabalhando como domésticas ou algum outro trabalho que, apesar da importância, não é socialmente reconhecido.

Porém, a sexualização atrelada ao papel trouxe consequências e abriu margem para que as mulheres fossem usadas de forma sensual em muitas outras coisas. Infelizmente, vivendo em uma sociedade machista, todas as atitudes de uma mulher fazem com que apareçam pensamentos e comportamentos machistas em torno. Como explicam Djamilia Ribeiro e Stephanie Ribeiro:

É necessário entender o porquê de se criticar lugares como o da Globeleza. Não é pela nudez em si, tampouco por quem desempenha esse papel. É por conta do confinamento das mulheres negras a lugares específicos. Não temos problema algum com a sensualidade, o problema é somente nos confinar a esse lugar, negando nossa humanidade, multiplicidade e complexidade. Quando reduzimos seres humanos a determinados papéis, retiramos sua humanidade e os transformamos em objetos (RIBEIRO; RIBEIRO, 2016).

Mas não é possível apenas criticar sem olhar atento e temporal, a realidade e os julgamentos sociais mudaram ao longo dos anos, na década de 1990 a realidade não era a mesma e o conhecimento e posicionamentos presentes na sociedade atual não estavam colocados naquele momento. Mas, como muito bem coloca nas teses de Walter Benjamin, não existe algo cultural que não represente também a barbárie (BENJAMIN, 1994, p. 225).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de toda pesquisa feita para chegar a conclusão desse trabalho, pude entender melhor o motivo pelo qual as mulheres negras que se colocaram no papel de Globeleza passavam por essa questão de amor e ódio social. Ao longo do meu reconhecimento como mulher negra na sociedade brasileira, também, por vezes, amei e odiei esse papel, a questão de estar relacionada sempre a essa imagem e ter o dever, quase que obrigatório, de se encaixar no padrão de corpo e jeito desejados pela sociedade, abala muito quem não se via daquela maneira. A mulher negra, considerada o padrão de mulata, acaba sendo vista e oferecida à sociedade como um alvo fácil, alguém que deve aceitar o que for oferecido, pois está muito bom para tal. O padrão de mulher que, como nos lembra Lélia Gonzalez (1984), se encaixa quando o assunto é concubinação, mas não se adequa ao tipo de mulher que seria o ideal para se casar, ou seja, aquela que é vista como mulher ferosa, que é boa de cama e apenas para isso convém.

Essa visão, que está ligada diretamente à hipersexualização histórica vivida pelas mulheres negras desde a escravidão, faz com que nós crescamos ouvindo absurdos desde a infância, sendo colocada em um lugar de culpa e vergonha do próprio corpo, por muitas vezes achar que faz algo de errado e dá margem a esse tipo de comentário e, em alguns casos, assédios. Crescer tendo que evitar olhar para homens para tentar desviar das piadinhas sobre o quanto “dará trabalho ao pai quando for mais velha” acaba preparando essas jovens para o mundo da pior maneira possível.

Mais ainda, é interessante comentar que muitas mulheres que cresceram com a presença da imagem da globeleza sonhavam com aqueles corpos, que ressaltam magreza e sexualidade. Essa visão poderia ser, de alguma maneira, perigosa, afinal aqueles corpos idealizados nem sempre poderiam ser reais a todas elas. As Globelezas passavam por cuidados e rotinas que possibilitavam a elas, de uma forma saudável, ter aqueles corpos esbeltos para que fossem sempre vistas como padrão de beleza. Mas mesmo sem os corpos definidos e as vidas televisionadas, essas mulheres que admiravam aquele local também viam ali sua imagem representada.

... as mulheres negras brasileiras receberam uma herança cruel: ser o objeto de prazer dos colonizadores. O fruto deste covarde cruzamento de sangue é o que agora é aclamado e proclamado como 'o único produto nacional que merece ser exportado: a mulata brasileira.' Mas se a qualidade do 'produto' é dita ser alta, o tratamento que ela recebe é extremamente degradante, sujo e desrespeitoso (NASCIMENTO, Abdias, 1978, p. 61).

Infelizmente, ainda estão longes os dias em que não será mais necessário trazer esse assunto à tona tão frequentemente, ou pelo menos que ele não seja tratado como um assunto assombroso que as pessoas evitam falar em público por medo do que vão falar e ouvir, para que assim se possa ao menos amenizar o sofrimento que essa situação causa nessas mulheres, sofrimento esse que é cada dia mais notável se tratando de um país onde o racismo se escancara sempre mais. Sendo assim, é de extrema importância que mulheres negras se posicionem sobre certos assuntos, que tenham suas vozes ecoadas e deixem registrado na história suas lutas e suas vontades. Como pontuam Djamila Ribeiro e Stephanie Ribeiro:

Não podemos mais naturalizar essas violências escamoteadas de cultura. A cultura é construída, portanto, os valores dela também o são. É preciso perceber o quanto a reificação desses papéis sulbateros e exotificados para negras nega oportunidades para nós desempenharmos outros papéis e ocuparmos outros lugares. Não queremos protagonizar o imaginário do gringo que vem em busca de turismo sexual (RIBEIRO, Djamila; RIBEIRO, Stephanie, 2016).

Os dados mostram o número da violência contra a mulher preta, mesmo que em muitos casos não seja informada a raça da mulher e que ainda a mulher negra tenha maiores dificuldades para fazer a denúncia desses casos. Segundo uma publicação de 2023 na *Agência Brasil*, enquanto o número de homicídios de mulheres negras têm uma alta, representando 67,4% das mulheres assassinadas, o de mulheres não negras cai no ano de 2021. O repórter Léo Rodrigues expõe o fato da discriminação racial e no trabalho colocar essas mulheres a uma margem de maior dependência de seus companheiros, o que as torna mais propícias à violência. Como disse Malcom X (1962) “As mulheres mais desrespeitadas da América são as mulheres negras. As mais desprotegidas, as mulheres negras. As mais negligenciadas, as mulheres negras”. É preciso reconhecer como o fim da exposição de corpos negros em horários nobre na televisão aberta é um passo muito importante para a luta pelos direitos e por reconhecimento para nós, mulheres negras, mulheres que há anos lutamos para ter o mínimo de condições humanas para viver. E a questão não se dá apenas por essa exposição, mas pela falta de oportunidades que nos são dadas. Uma falta injustificável, afinal estamos por todos os lugares, conquistando, de forma justa e honesta, espaços que por anos nos foram negados, como citam Djamila e Stephanie em seu manifesto: “negras são maioria entre as adeptas de programas como Prouni, ou já são cotistas nas universidades” (RIBEIRO; RIBEIRO, 2016).

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BISPO, Raphael. Vivendo do Rebolado: Feminilidades, corpos e erotimos no show business brasileiro.. *Mana* vol.21 no.2 Rio de Janeiro Ago. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200237 Acesso: 10/05/2024
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.
- COÊLHO, Tamires Ferreira; MACHADO, Nealla Valentim. REPRESENTAÇÃO, IMAGENS DE CONTROLE E “OUTROS LUGARES” PARA MULHERES NEGRAS A PARTIR DA “GLOBELEZA”. In: ANAIS DO 32º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2023. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/representacao-imagens-de-controle-e-outros-lugares-para-mulheres-negras-a-partir?lang=pt-br>> Acesso em: 24 Mai. 2024.
- CORRÊA, Mariza. Sobre a invenção da mulata. **cadernos pagu**, n. 6/7, p. 35-50, 1996. Disponível em: <https://ieg.ufsc.br/public/storage/articles/October2020/31102009-091413correa.pdf>. Acesso em: 02 de out. de 2023
- FREITAS, M. de A. **O cotidiano afetivo-sexual no Brasil colônia e suas consequências psicológicas e culturais nos dias de hoje**. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória e Cultura, v. 5, n. 9, p. 63-68, 2011. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/1577/2710>. Acesso em: 15 de out. de 2023.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Montenegro.34ªed. Rio de Janeiro: Record,1998.
- FREYRE, Gilberto. **O Brasil em face das Áfricas negras e mestiças**. Rio de Janeiro: Federação das Associações Portuguesas, 1962.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**; Decadência do Patriarcado Rural e Formação do Urbano. [1936]. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- FREYRE, Gilberto. **Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX**. [1922]. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1964.
- MALCOLM X. **Who taught you to hate yourself?** (1962), In: BEYONCÉ. Lemonade, 2016. Disponível e tradução retirada em: <https://mais.uol.com.br/view/jbux315selct/parte-1--lemonade-the-visual-album--legendado-pt-br-04024C99396ED8C15326>. Acesso em 02 de out. 2021.
- MORAIS, Maria Eliane Gomes et al.. **Sujeito mulher e o discurso da valorização cultural na vinheta do carnaval 2017 da rede globo**. Anais IV SINALGE... Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/27651>>. Acesso em: 30/05/2024
- MOTA, Gabriel. “Quando uma Globeleza sofre racismo no Carnaval”. **A Gambiarra**, Brasil. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/quando-uma-globeleza-sofre-racismo-no-carnaval/> Acesso: 17/04/2024

NABUCO, Joaquim. “Influência da escravidão sobre a nacionalidade. **O abolicionismo**. In: São Paulo: PubliFolha, 2000, p. 97-103.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro. Processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Aila (2015). “Sobre Escalas, Colorismo e Padrões de Aceitação”, do site **Blogueiras Negras**. Disponível em: <https://blogueirasnegras.org/a-cor-da-dor/>. Acesso em: 15 de jun. de 2024.

RIBEIRO, Stephanie; RIBEIRO, Djamilia. A mulata Globeleza: um manifesto. **Portal Geledés**, 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-mulata-globeleza-um-manifesto/>. Acesso em: 16 de jun. de 2024.

RODRIGUES, L. C.; DE MOURA SOARES, V. M. “Mulatas: nem brancas, nem negras, nem humanas”. **Tensões Mundiais**, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 329–348, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/2990>. Acesso em: 16 jun. 2024.

RODRIGUES, Léo. **Homicídios crescem para mulheres negras e caem para não negras**. Agência Brasil. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-12/homicidios-crescem-para-mulheres-negras-e-caem-para-nao-negras#:~:text=Em%202021%2C%202.601%20mulheres%20negras,ao%20das%20mulheres%20n%C3%A3o%20negras>. Acesso em 30/05/2024

SANTOS, Wellington Pereira. Linguagem e Identidade Sexual de Jovens Negras. 2013. Disponível em: www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401923775_ARQUIVO_ArtigoAba.pdf. Acesso em: 07 de maio de 2024.

SÃO JOSÉ, Danielle Elisa de. Da vênus negra ao meu corpo: escrituras e fabulações em performances de criadoras negras. 2023. 91 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Instituto de Filosofia, Arte e Cultura, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2023.

Site globo - fotos

<https://memoriaglobo.globo.com/exclusivo-memoria-globo/projetos-especiais/carnaval-na-globo/noticia/globeleza.ghtml>

UOL, São Paulo, 02 jun, 2016. Disponível em:

<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2016/06/02/me-senti-usada-diz-nayara-justino-sobre-ter-sido-globeleza.htm>. Acesso em 10 de jun. de 2024.

EXTRA, 19 de out. 2014. Disponível em:

<https://extra.globo.com/famosos/ex-globeleza-aline-prado-diz-como-superou-perda-do-posto-da-forca-nayara-justino-apos-ataques-racistas-14291695.html>.

Acesso em 10 de jun. de 2024

FILHO, João dos Santos. Melhor Do País É O Povo Brasileiro: Você Acredita Na Embratur?. São Paulo, 2009. Revista Partes. Disponível em: https://www.partes.com.br/2009/12/23/melhor-do-pais-e-o-povo-brasileiro-voce-acredita-na-embratur/#google_vignette. Acesso em 23 de jun. 2024

MENDES, Vanessa; VALENTIM, J. O luso-tropicalismo nos manuais de História e de Português do ensino primário português no período colonial: um estudo exploratório. **Psicologia e Saber Social**, v. 1, n. 2, p. 221-231, 2012.